

RECURSOS ESTILÍSTICOS EM *DE OURO E DE AMAZÔNIA*

Neila da Silva de Souza^I
Estrela Dalva Amoedo Viotto^{II}
(UNIR)

RESUMO: Este artigo analisa o recurso de alguns elementos estilísticos como a expressividade dos verbos no gerúndio e os nomes escolhidos para os personagens em *De ouro e de Amazônia* de Oswaldo França Júnior. A análise de recortes do texto demonstra que, conforme as escolhas linguísticas efetuadas no romance, decorre um dinamismo verbal na narração que, por sua vez, liga-se ao dinamismo do protagonista, resultando em um fluir na leitura do romance.

Palavras- chave: verbo; personagem; espaço

1. Espaço do discurso; Espaço da diegese

Chama-se de toponálise ao estudo profundo do espaço na obra literária. No livro *“Espaço e literatura: introdução à toponálise”*, Oziris Borges Filho amplia as lições de *“A poética do espaço”*, de Gaston Bachelard, e correlaciona o espaço às demais categorias da narrativa, dizendo que a toponálise vai além de espaços psicológicos, uma vez que o espaço “abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações.” (2007, p.22).

A partir desse viés, verifica-se que o espaço é um dos elementos fundamentais para a construção de *De ouro e de Amazônia*, de Oswaldo França Júnior, publicado em 1989. O romance mostra-nos a trajetória do protagonista Adailton que, desde menino, precisa trabalhar para ajudar a família. Sua condição financeira precária obriga-o a deslocar-se da casa paterna transitando por vários locais, de Minas Gerais a Rondônia, espaços em que se desenvolvem os pontos cruciais do seu drama. Com a esperança de melhorar de vida, a única oportunidade é se aventurar nos garimpos auríferos do Norte, em busca de riqueza fácil e rápida. Na somatória de buscas incessantes e sem tempo para si, temos uma personagem inquieta e aflita que almeja ter um lugar de “status” na sociedade.

^I Mestranda em Estudos Literários pela UNIR(Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho). Bolsista CAPES. Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Copertino Duarte

^{II} Mestranda em Estudos Literários pela UNIR(Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho). Bolsista CAPES. Orientador: Prof. Dr. Alexandre Pacheco

A personagem principal sempre se desloca de um lugar para outro, e essa insatisfação que o leva à inquietações está representada no, estilo rápido do discurso,. Há, no decorrer da narrativa, uma linguagem despojada, de suposta superficialidade dos casos narrados e com certa coloquialidade; tais aspectos contribuem para a falsa simplicidade do texto e para a velocidade da exposição. Logo, da mesma maneira que ocorre dinamismo espacial na diegese, acontece no discurso também. Dessa forma, a escolha e a combinação de algumas palavras, alguns verbos, algumas conjunções, entre outros elementos gramaticais são relevantes para entendermos a construção da narração. Nesse sentido, Borges Filho chama atenção para “as possibilidades morfossintáticas dos afixos, das preposições, dos verbos, dos advérbios, dos pronomes, dos substantivos e dos adjetivos intimamente ligados entre o espaço da narração e o espaço da narrativa” (2007, p. 120).

Sírio Possenti diz que o “discurso produz certos efeitos, inclusive os de sentido gramatical”. Por isso, faz-se necessário “levar em conta aquelas substâncias que produzam sentido”. Se for um texto narrativo, por exemplo, “qual frase o abre, e quais são as que seguem, o que isso significa, para quê isso chama mais a atenção”. No nível da morfologia e da fonologia, existem “certas combinações”, que sendo repetidas, bem organizadas “produzem um trabalho de efeitos estético, sob um conceito de sonoridade com função altamente significativas, pode sugerir, irritação, agressividade, emoção...” No nível sintático, as escolhas do interlocutor indicarão o modo de estruturação, constituindo o estilo, pois a ordem, e o léxico marcam o ponto de vista do locutor. (1993, p.114-9).

John M. Parker publicou um artigo no qual cita uma afirmação que o escritor Oswaldo França Júnior fez em uma entrevista ao Suplemento Literário de Minas em que tece um comentário sobre seu estilo de escrita: “As imagens, as histórias vão se formando na mente do leitor sem que ele perceba que as páginas do livro estão passando”. (1995, p.121). Com sua pesquisa, Parker conclui:

O ato de o leitor virar as páginas sem perceber o fluir natural do texto... faz os textos de Oswaldo França Júnior serem altamente coesos, com frases interligadas e coerentes ... e o autor manuseia propositalmente, o que facilita a tarefa do leitor em termos de acesso ao material diegético através da conectividade sequencial e conceptual, libertando dessa maneira a atenção dele para a tarefa interpretativa superior... A simplicidade dos seus textos é mais aparente que real, e decididamente enganadora. (1995, p. 134).

Em relação ao estilo, Murry (apud POSSENTI, 1993, p.136) o define como “aquela idiosincrasia pessoal de expressão pela qual reconhecemos um escritor, sendo a técnica de expressão do escritor”. Para LEFEBVE, a arte literária possui um

movimento contínuo, e causa em nós uma “fascinação estranha”, esta relacionada com a percepção dos objetos que nos cercam e da maneira de sentir e imaginar, que por sua vez, vão além de imagens reais. São combinações que geram um movimento contínuo de várias imagens em um jogo com a imagem real e imagem irreal, que se firmam na complexidade da obra literária. (1980, p.12-13). Dessa forma, a literatura possuirá um duplo movimento: o centrípeto e centrífugo (*ibidem*, p.15). Para causar, condicionar esse duplo movimento será necessário o trabalho com a linguagem, com as palavras, e formar um novo sentido àquela palavra de aparente simplicidade referencial. Isso só será possível devido à intencionalidade literária. O autor usará seu estilo, sua concepção de mundo e traduzirá na escrita.

Se Oswaldo França Júnior possuía a intenção de que as histórias, em seus livros, fossem constituindo na mente do leitor, sem que este notasse, o ato de virar as páginas, ou seja, que houvesse um fluir natural do texto, poderemos responder às questões apresentadas por Sírio Possenti. O discurso utilizado demonstra um trabalho com a linguagem, produzindo efeitos importantes à narração.

Um dos recursos utilizados no discurso são os verbos de movimento que contribuem para velocidade da exposição dos fatos. Lapa diz que os verbos intransitivos podem sugerir “mais energia expressiva, por isso a preferência pelos escritores”. (1982, p.132). O movimento (a travessia de Minas Gerais até Rondônia) que define o eixo narrativo organiza-se com fundamento no espaço da diegese e espaço do discurso. A palavra “mudar”, por exemplo, aparece várias vezes na narrativa. Identificamos a palavra “movimento” que, segundo o dicionário Aurélio, significa deslocar-se de um local para outro, como um fator recorrente em toda a enunciação. No início, aparecem verbos mais frequentes como mexer/andar/levantar/subir descer/ levantar/rodar, para sugerir os deslocamentos e agilidade do personagem. Após a chegada da personagem ao estado de Rondônia, provêm enunciados como: “mudaram-se/mudar/mudava/movimento/mudar-se/movimentando/movimentos/continuava se movendo/você não pára quieto está sempre mudando/chefe da mudança/durante a mudança/ao terminarem a mudança/mudaram”, que sugerem mudanças econômicas e de aprendizagens em Adailton, ou seja, deparamos com palavras que dão a ideia de movimento, por isso, dizemos que o ato de deslocar-se está nitidamente representado na narrativa e na narração.

Os verbos no gerúndio são estilisticamente “instrumentos expressivos”, que dão movimento colorindo a imaginação. (1982, p.132-54). Para Cressot (1980, p.181), é o recurso “que por vezes trata de uma ação, pela sua duração”, não há interrupções na

narrativa, sendo uma “expressão dinâmica”, como acontece no discurso de *De ouro e de Amazônia* “pensando/ visualizando/ lembrando/ falando/ dormindo/ dirigindo/ aumentando/ escurecendo/ fechando /deixando /apresentando”. Os verbos fixam-se na mente do leitor, levando-o a uma leitura direta e sem cortes, assim, pode-se afirmar que as ações estruturam-se pelo aspecto verbal durativo.

O predomínio do uso de verbos no imperfeito também causa a noção de algo inacabado, com forte valor de duração. Logo, representa que Adailton ainda não mudou, está em constante mudança. Chaves de Melo acrescenta que o verbo, no imperfeito, chama o leitor a integrar-se, pela imaginação, no ato do discurso, dando vida e cor aos fatos (1976, p.165). Esse autor também afirma que se emprega o imperfeito, assim como o gerúndio, para apresentar uma linguagem com certa coloquialidade. Esse recurso é utilizado no romance, como se observa nos seguintes exemplos: “apanhou suas coisas pegou uma bandeirinha que passou aí e se mandou /. -Espere aí, cara, vim aqui tirar o ouro.../-Ei filho da puta... me salvei.../ puta que pariu não falei para afundar o pé?- eu hein...”.

Parker (1995, p.28) fez um estudo da técnica utilizada pelo escritor na obra *Jorge um brasileiro* em que o uso, principalmente, da palavra *coisa* substitui muitos substantivos e advérbios já citados na narração, e que não intervém em nada no entendimento por parte do receptor, e pode ser chamado de elo coesivo. Esse fato também é decorrente em *De ouro e de Amazônia*, conforme se observa na passagem a seguir: “Adailton anotou o telefone de sua casa e avisou que ligaria depois... Ficou pensando nas coisas que Nacano havia dito / Nacano no volante, atento ao movimento, falando sobre Amazônia/ Quando já era noite e parou de falar das coisas da Amazônia”. Note-se que encontramos, nesse pequeno trecho, a palavra *coisa* apenas duas vezes, porém ela se repete frequentemente desde o início até o fim do enredo. Talvez seja mais um dos recursos utilizados por Oswaldo França Júnior para facilitar a leitura, pois esse elemento substitui algo já mencionado e não interfere em nada para o entendimento do leitor, além de tornar a leitura mais veloz.

Não ocorre de forma diferente com a conjunção *e*, assídua na narrativa:

- Como é seu nome?

- Gerusa...

(...)Esperou alguns instantes e como ela não perguntou o nome dele, despediu-se agradecendo as informações e saiu. E quando passava em frente não avistava a moça.

(FRANÇA JÚNIOR, 1989, p.106).

De acordo com Lapa (1982, p.196), o *e* sugere um movimento ininterrupto. Se trocássemos os “es” por vírgula, a enunciação ficaria mais lenta e com ações mais

distantes, não haveria esse caráter dinâmico, cuja função ocorre através das orações coordenadas, uma vez que o recurso de frases curtas exprime esse dinamismo, expresso pelas ações da personagem. Para representar a fala coloquial em uma obra usa-se de preferência o estilo paratático, além da afetividade, exprime espontaneidade, e dinamismo (MONTEIRO, 1991, p.49-50). Deste modo, o efeito contínuo do *e* atinge o protagonista em uma atmosfera de movimento, acelera a narração e envolve o leitor.

Portanto, os recursos linguísticos atuam de forma que os elementos escolhidos sugerem ação intensa, aproximando o espaço da narrativa com o espaço da narração; assim como notamos dinamismo na vida do personagem, houve um dinamismo no ato do discurso verbal.

2. Relações entre nomes e personagens

Orlando Pires comenta que as personagens classificam-se como protagonista, antagonista, secundárias, entre outras (1989, p.185). Adailton é a personagem principal, redonda, pois a cada situação age de maneira diferente e surpreende o leitor. As principais personagens secundárias são seus irmãos, Maria do Amparo, Deusdete, Helinho e Gerusa. A partir disso, percebe-se que outro recurso estilístico entre espaço da narração e espaço da narrativa utilizado pelo autor são os nomes. As personagens são nomeadas de acordo com o que elas representam.

A mãe de Adailton, por exemplo, chama-se Maria do Amparo. O nome Maria^{III} significa energia, por isso procura manter-se ocupada com alguma coisa, caracteriza-se por ser soberana, ter vontade de viver e, algumas vezes, denota recorrer a auxílio para a resolução de muitos problemas que tem de enfrentar na vida e para aguentar a dor. O sobrenome Amparo sugere proteção, aventura, energia, personalidade ativa e decidida, vida com desafios, liderança, por isso atrai outras pessoas com o seu entusiasmo, entretanto, tende a ser teimoso.

A personagem Maria do Amparo possui tais características. O marido a faz sofrer com as amantes e por ter dívidas. Quando se vê sem saída, pede auxílio:

...Maria do Amparo enviou uma carta ao irmão mais velho pedindo que a ajudasse. Ele... logo conseguiu para a irmã uma casa e um emprego de auxiliar de saúde no posto médico. (...) Maria do Amparo, por seu esforço,

^{III} Todos os significados dos nomes citados foram retirados da obra ANDRADE, Janete de. *O étimo dos nomes próprios*. 2 ed. São Paulo: Thirê, 1989.

foi admitida como professora primária numa das escolas municipais... E não quis mais saber do marido... (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 6).

A personagem demonstra-se decidida e disposta a superar os desafios em sua vida, tendo que cuidar dos filhos, sem o esposo, torna-se então líder de sua família, tudo isso por seu empenho.

Lázaro é o pai de Adailton. O nome significa teimoso, preguiçoso ou mesmo desligado, mas tudo se torna apenas fuga: "... Adailton era filho... de pai trabalhador, que não bebia, mas gostava de outras mulheres, o que lhe causou sempre muitos transtornos e aperturas financeiras... e não levando nenhum dinheiro para a família." (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 5). A personagem endivida-se com jogos, não se preocupa com as consequências, sendo, portanto, despreocupado.

O fato de os personagens não possuírem sobrenomes pode remeter a ideia de coletividade. A história de Adailton pode ser comparada com a história de vários brasileiros que saíram, e saem de seus estados em busca de fortuna fácil, o garimpo, por exemplo, e por melhores condições de vida, enfrentam os perigos das matas, escavações profundas dos rios, a distância da família, contudo conseguem alcançar seus objetivos. Portanto, Adailton representa o coletivo, uma personagem comum, identificada com a história de garimpeiros que foram para Rondônia.

Outro nome que chama-nos atenção é Deusdete que remete à ocupação, à responsabilidade, à independência, à acomodação. As características fazem jus à personagem. Assim que se casa com Adailton, arruma dois empregos, não tendo tempo para dedicar-se ao filho. Assim, é o esposo que cuida de Helinho:

Amamentou o menino por pouco tempo e foi logo trabalhar como digitadora numa firma de administração... estava deixando o filho com a empregada. Adailton saía de manhã e só encontrava novamente com ela quase à meia-noite... ele foi se acostumando a tirar o filho do berço ao vê-lo chorar... a dar as mamadeiras... Adailton assumiu todas as despesas da casa e nem assim Deusdete cooperava. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 91-2).

O nome Gerusa sugere seriedade, honestidade, impaciência, aborrecimento quando as coisas não saem conforme o planejado, reflexão antes de agir, determinação sendo capaz de mergulhar de cabeça no que está fazendo e esquecer todo o resto à sua volta. A personalidade da personagem identifica-se com esse conceito. Ao conhecer Adailton, Gerusa apaixona-se, mas não se envolve com ele enquanto não termina com o namorado, agindo honestamente:

...Na última vez que foram jantar... Adailton deu-lhe um beijo...
- Não fica bem você fazer isto. - ela disse...
Na manhã seguinte ela telefonou para o escritório.

-Terminei com o meu namorado – falou e desligou o telefone.
Adailton foi ao seu encontro com um sentimento romântico...
- Estou gostando muito de você pode acreditar. (FRANÇA JÚNIOR, 1989 p. 111).

No entanto, o namoro entre os dois não é bem visto pelos pais da moça, e, mesmo assim, Gerusa não se importa e envolve-se de forma arriscada, “chegava a se levantar à noite quando todos na casa estavam dormindo, saltava a janela, atravessava o quintal e pulava o muro dos fundos para que pudessem se encontrar” (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p. 115), comprovando a sua determinação.

Cabe mencionar que Adailton herda algumas personalidades dos pais. Lázaro, pai da personagem central, é um homem trabalhador, mas possui um vazio existencial. Para suprir isso, vive jogando, envolvendo com outras mulheres sendo uma forma de fuga. A personagem adquire do pai, a personalidade de ser trabalhador, e as inquietudes. O protagonista tem o objetivo de estabilidade financeira e não descansa enquanto não consegue atingi-lo. Mas a perseverança por riqueza acaba conduzindo-o a vaguear por todo o romance, tornando-se uma forma de fuga, pois, para ele, o dinheiro lhe daria uma identidade na sociedade. E, quando consegue o esperado, nota que não lhe foi suprido o vazio existencial que tinha.

Em relação à mãe, o nome Adailton tem o mesmo significado que Amparo. Nesse sentido, adquire a personalidade de Maria do Amparo, é empenhado, dinâmico, líder. Vemos que se torna uma personagem teimosa, pois, no garimpo, mesmo tendo ouro suficiente para adquirir bens materiais, não atenta para os conselhos de ninguém. Por não ouvir as opiniões dos familiares, passa por desafios difíceis como afogamento, tentativa de homicídio, a resistência a três malárias. A todo momento, corre o risco de perder o ouro tão sofrido que adquiriu.

O nome Maria do Amparo, como comentado, sugere proteção, busca por auxílio. A partir dessa visão, Maria do Amparo, única personagem que possui sobrenome, é, além de líder da família, a protetora da vida de Adailton. O protagonista é aquela personagem que precisa cumprir seu rito de passagem, para isso conta com a proteção da mãe, saindo incólume a alguns perigos e superando os desafios que a vida lhe impôs. Como exemplo, cita-se o momento em que Adailton foge da cidade de Luz, e a mãe faz promessa para que seu filho retorne.

- É um milagre. Um milagre de Nossa Senhora Aparecida... foi ela que te trouxe de volta...
Ela fez a promessa de rezar um terço todas as noites se ele não morresse...
- E quando você desapareceu eu disse a Nossa Senhora: não deixe que ele fique desaparecido para sempre.

Que a perdoasse e o trouxesse de volta. E fez a promessa que daí para frente rezaria o terço de joelhos todas as noites até o último dia de sua vida. (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p.81).

Observa-se um valor mítico nessa situação. Pode sugerir que Adailton obteve alguma força protetora, que o ajudou a passar pelos perigos durante as suas caminhadas. Nesse sentido, a mãe possui grande interferência. Nos momentos de maior perigo, o protagonista recorre à Maria do Amparo, como se soubesse que ela estaria pedindo auxílio por ele.

Quando Adailton depara-se com o perigo de perder a vida, preso no fundo do rio, recorda-se “do Helinho, da Gerusa, da mãe... em certos momentos era quase como se estivesse realmente ouvindo a voz dela:/- Olhe aí meu filho, você aí morrendo no fundo desse rio e eu aqui sem poder fazer nada” (FRANÇA JÚNIOR, 1989, p.332). No exato momento em que se lembra da mãe, alguém o salva. “Adailton pensava nessas coisas e uma hora percebeu que o tubo de ar havia se mexido. Pôs a mão onde ele estava... e alguém pegou nos seus dedos”. (*ibidem*, 1989, p.332). Percebe-se aqui a importância de Maria do Amparo na vida do protagonista, e como as características do nome confirmam com as suas atitudes. É a única personagem que tem sobrenome, merecendo, portanto, o mérito de o seu nome significar soberana.

Verificamos, portanto, que todo o processo construtivo da relação entre personagens e nomes só foi possível em decorrência de certas escolhas linguísticas que deram dinamicidade ao espaço da diegese e espaço do discurso. Assim, através dos recursos estilísticos, deparamos com um romance em que a linguagem debruça sobre si mesma.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Janete de. *O étimo dos nomes próprios*. 2 ed. São Paulo: Thirê, 1986.

BACHELARD, Gaston. A imensidão íntima. In: *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2 ed. Martins Fontes: São Paulo, 2008.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à toponímia*. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CRESSOT, Marcel. *O Estilo e suas técnicas*. Trad. Madalena Cruz Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980.

FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *De ouro e de Amazônia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*: Coimbra-Portugal: Almedina, 1980.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

PARKER, M. John. *Coesão, coerência e técnica narrativa em Oswaldo França Junior*. Letras de Hoje, Porto alegre: PUCRS, n, 99, p. 118-134, mar.1995.

PIRES, Orlando. *Manual de teoria e técnica Literária*. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (p.113-54).

SANTOS, Gilberto Carniatto. *Garimpo de ouro do rio madeira em Rondônia: eu estivelá*. Porto velho: Senac, 2008.